

# PROBLEMAS INDOMÁVEIS

Um guia para as decisões  
que nos definem

**RUSS ROBERTS**

Pesquisador da Universidade Stanford  
e autor de *The Price of Everything*



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2023

# Sumário

1. Problemas Indomáveis	11
2. O Dilema de Darwin	19
3. Na Escuridão	29
4. Isso é Sério	45
5. O Porco e o Filósofo	57
6. O Florescimento é Importante	69
7. O Complexo de Penélope	87
8. Como se Superar	109
9. Privilegie seus Princípios	125
10. Seja como Bill	145
11. Viva como um Artista	157
12. Resumindo	169
<i>Agradecimentos</i>	175
<i>Fontes e Leitura Adicional</i>	179
<i>Índice</i>	187

## Problemas Indomáveis

Alguns anos atrás, estava caminhando com um amigo que me contou como ele e a esposa estavam indecisos sobre ter um filho. Foi-me dito que ambos fizeram uma lista com os prós e contras sobre crianças e, mesmo depois disso, ainda não tinham certeza se era uma boa ideia. Meu amigo me pediu um conselho.

Eu disse a ele que ter filhos não é sobre “valer a pena”. Porém, não tinha muito mais a acrescentar. Não pensei em perguntar-lhe se ele e a esposa achavam que tinham alguma ideia do que realmente era serem pais. Os custos que podem ser avaliados antes de ter filhos — menos tempo para trabalho e lazer, opções limitadas de férias, dinheiro gasto em fraldas, roupas, comida, educação, e assim por diante — dominam qualquer benefício imaginável.

Ter filhos pode parecer irracional. No entanto, muitos pais, inclusive eu, irão lhe dizer que seus filhos são fundamentais para a forma como eles se veem e experimentam a vida. Muitos diriam que é o que dá sentido às suas existências. Como podemos entender essa desconexão?

Decidir ter um filho é o que eu chamo de problema indomável — uma bifurcação na estrada da vida onde saber qual caminho é o certo não é óbvio, onde o prazer e a dor da escolha da jornada são, em última instância, escondidos de nós, onde o caminho que escolhemos define quem somos e quem podemos nos tornar. Problemas indomáveis são as grandes decisões com as quais todos nós temos que lidar ao longo da vida.

Muitos problemas indomáveis podem nos deixar nervosos e agitados. Saber qual é o melhor caminho não é algo a ser respondido até chegarmos àquela terra distante conhecida como futuro, uma terra que conhecemos completamente apenas quando chegamos nela. Isso tende a nos desanimar. E desencorajados, procrastinamos.

Como devemos proceder, então, especialmente se queremos tomar uma decisão racional? Uma estratégia óbvia é importar ajuda de outros desafios que enfrentamos e sabemos como resolver. Para vencer o trânsito ou desenvolver uma vacina contra o coronavírus, por exemplo, contamos com dados informativos, algoritmos que podem ser testados, experimentos e replicados. Para certos problemas — eu os chamo de problemas

domesticados — a aplicação implacável da ciência, da engenharia e do pensamento racional leva a um progresso constante.

Porém, as grandes decisões que enfrentamos na vida, os problemas indomáveis — casar, com quem casar, ter filhos, que carreira seguir, quanto tempo dedicar aos amigos e familiares, como resolver dilemas éticos diários — essas grandes decisões não podem ser tomadas com os dados, a ciência ou as abordagens racionais usuais.

Formei-me como economista na Universidade de Chicago. Fomos ensinados que a Economia é o guia para fazer escolhas racionais na vida. Aprendemos a importância dos *trade-offs* e o que é chamado de custo de oportunidade — o que abdicamos quando escolhemos uma coisa em detrimento de outra. Fomos ensinados que tudo tem um preço — tudo envolve uma troca. Nada tem valor infinito. Passei a acreditar que, quando se trata das grandes decisões da vida, esses princípios podem nos desviar do caminho.

Esculpida na parede do prédio que abriga o Departamento de Economia, na Universidade de Chicago onde cursei meu doutorado, está uma citação de Lorde Kelvin: “Quando você não pode medir ou expressar em números, seu conhecimento é escasso e insatisfatório.” O mundo moderno levou Lorde Kelvin a sério. Primeiro, nas ciências exatas, depois, conquistou espaço nas ciências sociais, então até as ciências humanas abraçaram a ideia de avaliar — coletar dados — e melhorar o processo que produz

a aferição, de modo a usar essas medições para se fortalecer, tornar-se mais produtivo e saudável, esse é o caminho para uma vida melhor.

Mas os problemas indomáveis resistem à avaliação. O que funciona para você pode não funcionar para mim e o que funcionou para mim ontem, pode não funcionar amanhã. Os problemas indomáveis são selvagens, indomesticáveis, espontâneos, orgânicos e complexos. Eles são uma besta totalmente diferente em comparação com os problemas domesticados em que as técnicas padrão de racionalidade nos movem constantemente para a frente.

Durante a maior parte da história humana, autoridade e tradição — os reis que nos governaram, nossos pais, a religião em que nascemos, a cultura que nos cercou — domaram os problemas indomáveis que enfrentamos. Os reis estão mortos. O domínio da religião se afrouxa constantemente. Tradição? Livramo-nos dela e nos imaginamos como lousas em branco onde seguramos a caneta-piloto e podemos nos desenhar do jeito que gostaríamos de ser, livres de todas as restrições.

<b>Problemas Domesticados</b>	<b>Problemas Indomáveis</b>
As metas são claras e avaliadas objetivamente.	As metas são subjetivas e difíceis de avaliar.
Como chegar a Chicago a partir de Nova York.	Querer ir para Chicago.

<b>Problemas Domesticados</b>	<b>Problemas Indomáveis</b>
Técnicas para o sucesso podem ser testadas e verificadas. Receitas funcionam.	Não existe manual, roteiro, receita ou algoritmo para o sucesso.
Fazer uma omelete.	Escrever <i>Hamlet</i> .
As reivindicações podem ser verificadas; resultados podem ser replicados.	Os caminhos para o sucesso não se repetem.
Ciência.	Arte.
Pousar na Lua.	Criar filhos.
Aumentar a vida útil da bateria de um telefone celular.	Escolher uma carreira.
O Problema da Secretária (ver o capítulo 7).	Decidir com quem se casar.
Xeque-mate em três lances.	Vida.

O que antes era destino é agora uma decisão. Isso é glorioso, mas também é desafiador e, muitas vezes, inquietante. A escolha oferece o potencial para uma vida melhor. Mas como nos conduzimos nesse cenário de liberdade quando não há receita, algoritmo ou aplicativo para nos dizer o que fazer?

Uma resposta para o desafio dos problemas indomáveis é tentar avaliar o que você pode, e fazer o seu melhor para quantificar o que não pode. Isso parece melhor do que nada, e o próprio processo de coletar mais informações acalma seus nervos. “Estou

progredindo em direção à resposta certa”, você diz a si mesmo. “Está dando um passo na direção certa.”

Entretanto, a direção pode estar errada. Se não tomar cuidado, você será como uma pessoa contando com a iluminação pública para procurar por chaves perdidas. “*Você as perdeu aqui?*” É a pergunta de um transeunte que se voluntaria para ajudar. “*Não*”, responde quem está procurando pelas chaves, “*mas a luz é melhor aqui*”. Usar uma lanterna para tornar a área sob a luz da rua ainda mais brilhante pode parecer uma resposta racional, mas se as chaves estiverem longe da luz e no fundo das sombras, você está apenas se enganando ao pensar que está chegando perto de encontrá-las. Ao se concentrar no que conhece e pode imaginar, está ignorando toda a gama de opções disponíveis.

Quando fiz uma observação semelhante no Twitter, um de meus seguidores elaborou bem o desafio com uma pergunta: “Se as coisas importantes são difíceis de avaliar e as coisas mensuráveis são enganosas, que tipo de estrutura de decisão nos resta?”

Este livro é a minha resposta a essa pergunta. E é o que eu teria dito ao meu amigo com dificuldade em seu problema indomável sobre a paternidade se a caminhada que fizemos naquele dia tivesse sido muito mais longa.

Eu não posso dizer se você deve se casar, ter um filho ou ir para a faculdade de Direito. O que vou fazer aqui é ajudá-lo a pensar em como enfrentar esses problemas sem esquecer o que está em jogo. Com base na percepção de filósofos, economistas,

um técnico de futebol, alguns poetas, talvez o maior cientista de todos os tempos, e minha camareira no Parque Nacional de Grand Teton, eu lhe apresento uma filosofia de como enfrentar a incerteza, que é o nosso inevitável destino como humanos.

Em vez de gastar mais tempo tentando tomar a decisão certa, mostro a você que, muitas vezes, ao menos não como entendemos o termo, não há decisão correta. Dou-lhe conselhos sobre como conduzir a vida. Para onde ir é com você. O resultado é um conjunto de diretrizes, não apenas para como encarar as decisões, mas para construir uma vida bem vivida. E ao longo do caminho, talvez você fique menos nervoso e um pouco mais sereno.

Vamos começar analisando como um dos maiores cientistas de todos os tempos lidou com seu próprio problema indomável.

## O Dilema de Darwin

Em 1838, Charles Darwin enfrentou um problema indomável. Perto de seu trigésimo aniversário, ele tentava decidir se deveria se casar — com a probabilidade de que filhos fizessem parte do pacote. O cientista fez uma lista dos prós e contras relacionados à decisão. E, na verdade, temos essa lista em sua própria caligrafia em diário.

No alto de duas páginas, escreveu “Eis a questão”, uma referência, talvez, à importante questão de Hamlet, a pergunta que Camus pensava ser a questão fundamental da Filosofia — “ser ou não ser”. Para Darwin, a questão era casar ou não casar.

<b>Casar</b>	<b>Não Casar</b>
Filhos — (se for do agrado de Deus).	Sem filhos (sem uma segunda vida), ninguém para cuidar na velhice.
Companheira constante (e uma amiga na velhice) que se sentirá atraída.	Qual é a utilidade de trabalhar sem a empatia de amigos próximos e queridos — e quem são os amigos próximos e queridos de um senhor senão parentes.
Objeto para ser amado e para se divertir — de toda forma, melhor do que um cachorro.	Liberdade para ir onde quiser — algumas reuniões e conversas com cavalheiros inteligentes em clubes.
Um lar e alguém para cuidar da casa.	Não ser forçado a visitar parentes e a se curvar a cada frivolidade.
Os encantos da música e conversar com uma mulher — tais coisas são boas para a saúde.	Ter a despesa e a ansiedade das crianças — talvez se aborrecer. Perda de tempo — não poder ler à noite — obesidade e ociosidade — ansiedade e responsabilidade — menos dinheiro para livros, etc. — Se tiver muitas crianças é necessário o ganha-pão.
Ser forçado a visitar e receber parentes, uma terrível perda de tempo.	(Mas, de novo, é muito ruim para a saúde trabalhar demais).
	Talvez minha esposa não goste de Londres; então, a sentença é o banimento e degradação a um tolo estado de indolência.

Do lado esquerdo, está a tentativa de imaginar como seria ser casado. Do lado direito, tentou imaginar o oposto.

Darwin tentava imaginar os prós e contras diários da vida de casado e como seria quando os experimentasse no futuro. Meu amigo e sua esposa — que estavam lutando para tomar uma decisão sobre ter um filho — fizeram a mesma coisa. Esta parece ser a essência da racionalidade. Faça a melhor estimativa do seu bem-estar esperado a partir de uma decisão versus outra. Escolha aquela com maior nível de vantagens. Evidentemente, é impossível saber como as coisas realmente vão acontecer. E, certamente, depende de com quem você acaba se casando. Mas você faz o melhor que pode com as informações que tem.

Fazer uma lista de prós e contras parece uma boa ideia para lidar com qualquer problema, indomável ou domesticado. Darwin não inventou a técnica. Provavelmente é tão velha quanto Eva no jardim enfrentando o problema indomável de comer ou não aquela fruta. (Desvantagens: vai incomodar o Jardineiro-chefe, a ignorância é uma benção, ganhar conhecimento pode vir com desvantagens inesperadas. Vantagens: a Serpente parece ser bem agradável, a fruta proibida é mais doce, e assim por diante.) Mas como veremos, a lista de custo-benefício que Darwin fez ameaça levá-lo ao erro. Vamos dar uma olhada em sua lista.

A “terrível perda de tempo” sugere que Darwin estava profundamente preocupado sobre como o casamento poderia reduzir sua produção científica. Em sua autobiografia, Darwin fala do

método baconiano — o método científico que surgiu dos escritos de Francis Bacon. Embora não seja amplamente lido hoje, Bacon foi o Lorde Chanceler do rei Jaime I e, sem dúvidas, o homem mais brilhante de sua época; ele ainda era bem conhecido na Inglaterra de Darwin mais de dois séculos depois. Eu me pergunto se Darwin foi assombrado pelo ensaio de Bacon *Of Marriage and Single Life* [*Do Casamento e do Celibato*, em tradução livre], onde argumentou que apenas os solteiros podem alcançar a grandeza.

Aquele que tem esposa e filhos deu reféns ao destino; pois são impedimentos para grandes empreendimentos, sejam virtuosos ou danosos. Certamente, as melhores obras e de maior mérito para o povo, procedem de homens solteiros ou sem filhos; que, tanto em afeto quanto em meios, casaram-se e dotaram o povo.

“Reféns do destino.” Bacon definitivamente estava diante de um problema. Uma vez casado e com filhos, você perde muito controle sobre seu destino. É refém dos eventos aleatórios e inevitáveis — o que Bacon quis dizer com “destino” — que atingem nossos entes queridos. E, é claro, os membros da sua família têm expectativas sobre como você gasta seu tempo e dinheiro. Você pode acabar abandonando a cidade que ama por uma vida mais rural, só para começar.

Bacon, aliás, pode não ser a autoridade mais confiável sobre a vida conjugal. Ele permaneceu solteiro até antes dos 45 anos de

idade, casando-se com Alice Barnham na época de seu décimo quarto aniversário; ele a notou pela primeira vez como uma “bela donzela ao meu gosto” quando ela tinha 11 anos de idade. Eles nunca tiveram filhos. Alguns meses antes de sua morte, Bacon retirou Alice de seu testamento por “grandes e justas causas”. Onze dias após a morte de Bacon, Alice se casou com o administrador de sua propriedade. Você não precisa ser Sherlock Holmes para conectar esses pontos. A experiência pessoal de Bacon pode ter influenciado sua visão de casamento.

Mas não era irracional para Darwin se preocupar que a vida de casado — especialmente com filhos — pudesse ser um empecilho para sua produtividade científica. Ele entendeu corretamente que o casamento com filhos reduziria sua autonomia. Ele não mostra nenhum sinal de interesse por crianças, além de uma forma de seguro de aposentadoria e os danos colaterais inevitáveis que vieram junto com o matrimônio, descrevendo-os em seu diário como uma fonte de “despesa e ansiedade.”

Décadas antes do dilema do casamento de Darwin, Benjamin Franklin, que muitas vezes esquecemos que era um excelente cientista, sugeriu uma técnica para tornar uma lista como a de Darwin um pouco mais prática.

Em 1772, Joseph Priestley — que viria a descobrir o oxigênio — estava considerando uma mudança de carreira que lhe daria um padrão de vida muito mais elevado. Mas isso envolveria ter um patrono rico cujos amigos e sociedade eram estranhos

para ele e sua esposa. Isso poderia acabar muito mal. Ele se voltou para seu amigo Benjamin Franklin em busca de conselhos. Franklin escreveu a Priestley dizendo que, embora não pudesse lhe dizer qual era a escolha certa, poderia ao menos lhe dar um método para tomar a decisão, uma maneira de tornar seu problema indomável um pouco mais domesticado.

Franklin disse a Priestley para pegar um pedaço de papel e traçar uma linha no meio, criando duas colunas, uma de prós e outra de contras. A virtude dessa técnica, escreveu Franklin, era que, quando enfrentamos um problema indomável, nossa mente às vezes se concentra em um conjunto de efeitos e depois em outro. Ao tirar alguns dias para tentar acumular todos os prós e contras, podemos pesquisá-los todos ao mesmo tempo.

Até agora, não é muito diferente do que Darwin fez, mas Franklin dá um passo adiante. Ele encoraja Priestley a analisar os prós e os contras e “se esforçar para estimar seus respectivos pesos”. Quando ele vê um pró que tem aproximadamente a mesma magnitude de um contra ou três prós que somam dois contras, eles se cancelam e deve-se riscá-los. E, ao fazer isso, Priestley pode descobrir “onde está o equilíbrio” e, assim, “chegar a um denominador comum”.

Franklin admite que tal exercício tem um grande componente subjetivo. Ele escreve que “embora o Peso das Razões não possa ser aferido com a Precisão das Quantidades Algébricas”, tal estratégia reduz as chances de dar um “passo precipitado”. Franklin chama sua estrutura de “álgebra moral ou prudencial”, uma tentativa inicial de tornar a tomada de decisões matemática e rigorosa.